

Revista Mídia e Cotidiano  
Artigo Seção Temática  
Volume 13, Número 1, Abril de 2019  
Submetido em: 20/02/2019  
Aprovado em: 02/04/2019

## DEU ZIKA NA REDE: UMA ANÁLISE SOBRE A PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A EPIDEMIA DE ZIKA E MICROCEFALIA NO FACEBOOK

### *THE ZIKA VIRUS SPREADS ON SOCIAL MEDIA: AN ANALYSIS OF MEANING MAKING IN RELATION TO THE ZIKA EPIDEMIC AND MICROCEPHALY*

Marcelo Pereira GARCIA<sup>1</sup>, Janine Miranda CARDOSO<sup>2</sup>

#### **Resumo**

A circulação de boatos virtuais marcou a epidemia de zika e microcefalia de 2015/2016 no Brasil. A partir da classificação e análise dos comentários de posts das páginas do Diário de Pernambuco e da Folha de S. Paulo no Facebook e inspirados pelas teorias de produção social dos sentidos, buscamos compreender melhor o fenômeno, identificando discursos mobilizados nesses espaços intertextuais e polifônicos. Os resultados evidenciam um ambiente de incerteza associado ao desconhecimento científico, à crise política, à reflexividade em relação aos riscos da ciência e a questões ainda em aberto sobre a concentração de casos nesse período específico e no Nordeste do país. Concluímos que o enfraquecimento do estatuto de verdade da ciência e da própria verdade, mais fluida, participa do protagonismo do boato na atualidade midiaticizada.

**Palavras-chave:** Zika, microcefalia, Facebook, boato, produção de sentidos.

#### **Abstract**

A circulation of virtual rumors characterized the epidemic of zika and microcephaly of 2015/2016 in Brazil. Based on an analysis of the comments on the pages of Diário de Pernambuco and Folha de S. Paulo on Facebook, we aim to understand the phenomenon, identifying discourses mobilized in these intertextual and polyphonic spaces. The results show an environment of uncertainty associated with scientific ignorance, political crisis, reflexivity regarding the risks of science and unresolved issues about the concentration of cases in this specific period and in the Northeast of the country. We concluded that the weakening of science's status of holding the truth as well as the more fluid meanings of truth play an important role as protagonists of rumor in a mediatized society.

**Keywords:** microcephaly, Facebook, rumor, production of meanings.

---

<sup>1</sup> Jornalista, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/Fiocruz). E-mail: email.marcelogarcia@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ, Brasil e docente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS). E-mail: janinecardoso.fiocruz@gmail.com.

## Introdução

A epidemia de zika de 2015-2016 representou um marco para a saúde pública brasileira. Transmitido pelo polivalente mosquito *Aedes aegypti*, o vírus zika era considerado mais brando do que outros arbovírus, responsáveis por doenças como dengue, febre amarela urbana e febre Chikungunya. Isso mudou ao surgirem as primeiras suspeitas de sua relação com o aumento de casos de microcefalia, condição de malformação neurológica congênita também associada a outras infecções. Quase sem conhecimento científico consolidado<sup>3</sup>, a doença e o vírus passaram a concentrar, da noite para o dia, a atenção da população, dos órgãos de saúde e das agendas de pesquisa nacional e internacional.

Embora a fase aguda da epidemia, de novembro de 2015 a fevereiro de 2016, tenha registrado grande produção de conhecimento sobre a doença, esse período acabou caracterizado pelo alto grau de insegurança, incerteza e pânico. E, ainda que não se tenham confirmado as previsões mais alarmantes sobre um novo surto epidêmico no verão seguinte<sup>4</sup>, a zika segue representando uma ameaça à saúde da população, tanto pela possibilidade de novas epidemias quanto pelo impacto nas famílias afetadas pelas malformações congênitas associadas à infecção pelo vírus. Como agravante, nos anos seguintes pouco foi feito em termos de novas políticas e estratégias, tanto no que refere à prevenção e controle dos agravos transmitidos pelo *Aedes aegypti*, quanto para o apoio e assistência aos diretamente atingidos.

Saúde e doença são construções complexas e multifacetadas, que vão muito além de seus aspectos biológicos. No plano individual e coletivo, mobilizam repertórios culturais e cognitivos, crenças e expectativas, assim como determinadas formas de organização social, de relações de saber e poder, historicamente produzidas (CARDOSO, 2012). Para o historiador Charles Rosenberg (1992), enquanto objeto de estudo multidimensional, possibilita a reflexão sobre as relações entre os modos como a

---

<sup>3</sup> O vírus da zika foi identificado pela primeira vez na década de 1940 em Uganda, numa floresta da qual herdou seu nome. Nas décadas posteriores permaneceu restrito a casos esporádicos em humanos em países da África e da Ásia. O primeiro surto da doença só ocorreu em 2007, nas ilhas Yap, na Oceania. Outra epidemia, dessa vez na Polinésia Francesa, ocorreu em 2013/2014. Na época não foram feitas associações com registros graves, mas uma revisão dos dados após a epidemia no Brasil mostrou que a associação do zika com casos de microcefalia também ocorreu nessa ocasião (CAUCHEMEZ et al, 2016).

<sup>4</sup> O Ministério da Saúde decretou o fim da situação de emergência nacional em maio de 2017.

sociedade se pensa e se organiza “ao expor – nas iniciativas e debates envolvidos na explicação, tratamento e controle – uma tensão entre o que é e o que deveria ser” (CARDOSO, 2012). Na atualidade, os processos comunicacionais participam de forma decisiva também na construção social das epidemias, com crescente destaque para as redes sociais – uma consequência do intenso processo de midiatização (SODRÉ, 2006). Nesse contexto, as interfaces entre comunicação e saúde não apenas se diversificam, como são reconfiguradas, em processos acelerados de mútua afetação.

Neste artigo, procuramos explorar a rede de sentidos relacionados à associação entre zika e microcefalia, a partir de uma problematização específica: a intensa circulação de boatos, que marcou os meses de maior visibilidade da epidemia. É certo que este fenômeno comunicacional não se originou na era digital e talvez seja tão antigo quanto a palavra humana (KAPFERER, 1990). A saúde, campo profícuo de boatos, em especial durante eventos epidêmicos, tem na incerteza um componente fundamental para sua proliferação (ALLPORT; POSTMAN, 1973). Porém, dentre os intensos processos de reconfiguração envolvidos no mundo hipermidiático e hiperconectado em que vivemos (RECUERO, 2012), parece inegável não só a explosão da circulação de boatos virtuais<sup>5</sup>, quanto as dinâmicas, disputas e agenciamentos que a motivam e sustentam.

O processo de midiatização e virtualização das relações humanas, que expõe cada um de nós ao dilúvio informacional (LÉVY, 2003), também multiplica os espaços de interação e as fontes de informação em saúde (MENDONÇA, NETO, 2015; CASTIEL, VASCONCELLOS-SILVA, 2002). O boato, entendido como narrativa adaptável, sem confirmação e de origem difusa, encontra nos aspectos conversacionais e informais da internet, em especial das redes sociais, um ambiente propício para sua circulação (REULE, 2008, RENARD, 2007) – como foi observado no caso da zika e em outras situações recentes na área da saúde (GARCIA, 2017a).

---

<sup>5</sup> Algumas nomenclaturas surgiram para dar conta deste fenômeno contemporâneo, sendo o termo em inglês *hoax* o mais comum. A expressão remete à embuste, enganação, trote ou “pregar uma peça” e possivelmente tem como origem a palavra *hocus*, da expressão *hocus pocus*, ligada à magia e ao ilusionismo (REULE, 2008). O termo, no entanto, não é muito utilizado no Brasil, onde a simples expressão boato virtual é mais comum.

Neste trabalho, apresentamos extrato de pesquisa mais ampla sobre a circulação de boatos sobre a epidemia de zika nas redes sociais<sup>6</sup>. Este recorte privilegia postagens e comentários de duas páginas jornalísticas no Facebook, as do Diário de Pernambuco e da Folha de S. Paulo, no período mais agudo da epidemia. A partir de Bakhtin (1988), consideramos que em qualquer ato enunciativo nunca é apenas uma voz que fala, mas um atravessamento de vozes, uma polifonia, que se dá de forma mais ou menos explícita, de maneira consciente e inconsciente. Tais vozes podem ser consonantes ou contraditórias, ambíguas, refletindo vozes da história e do ambiente cultural em que o locutor está inserido.

Dessa forma, os enunciados se caracterizam como elos na cadeia de comunicação verbal, estabelecendo relações com um contexto mais amplo, com os enunciados que os antecederam e os sucedem (BAKHTIN, 1988). Sendo assim, nossa análise considera os posicionamentos claramente assumidos pelos interlocutores nesses ambientes, como gestantes ou profissionais de saúde, mas não perde de vista a inserção deles no ambiente histórico e cultural do período e não deixa de considerar um aspecto comum a todos e delimitado pela própria plataforma: o lugar de comentarista, sua inserção no conjunto de actantes que estabelecem conexões entre si a partir da ação de comentar o post de uma página.

Nesse sentido, eles se inserem numa situação comunicacional determinada, num tipo de diálogo previsto pelo próprio contrato comunicacional do Facebook. O estudo dessa rede social específica, controlada por uma grande empresa multinacional, também traz uma série de desafios metodológicos, tendo em vista a opacidade dos algoritmos que a regem e a arbitrariedade da construção de suas regras e indicadores. A relevância social e científica do tema, assim como os diferentes desafios envolvidos, motiva este estudo e a expectativa de sua contribuição aos estudos sobre saúde e internet.

---

<sup>6</sup> Como parte de uma pesquisa de mestrado, além das páginas jornalísticas, também analisamos comentários de uma postagem da página da Fundação Oswaldo Cruz no Facebook e as narrativas de boatos que circulara pela rede social Whatsapp.

### **Boatos e produção dos sentidos em rede**

O mapeamento e análise dos discursos circulantes sobre a epidemia de zika e microcefalia nos espaços selecionados no Facebook teve como referência o quadro teórico da produção social dos sentidos, que procura descrever, explicar e avaliar criticamente os processos de produção, circulação e consumo dos produtos culturais (PINTO, 2002). Compartilhamos com Bakhtin o princípio ontológico da alteridade, a presença inalienável e constitutiva do outro no discurso e no homem, assim como o entendimento da língua como algo vivo, dialético, opaco e heterogêneo. Se cada enunciado é um elo na infinita cadeia de enunciados e cada ato enunciativo é necessariamente polifônico, mobilizando e sendo atravessado por diferentes vozes (BAKHTIN, 1988), estivemos especialmente interessados em analisar os comentários à luz do que Maingueneau (1987) chama de primado do interdiscurso. Entendendo o discurso como objeto constituído de maneira integralmente linguística e histórica (pelo dizível na língua e pelo dizível num dado tempo-espaço histórico), a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro (MAINGUENEAU, 1987). Dito de outra forma, abordamos os enunciados sem perder de vista as referências a outros discursos que os constituem.

A partir das observações de Fairclough (2001) sobre a Aids, afirmamos que o processo de construção social da zika também se deu pela circulação de diversas narrativas, que entrelaçaram vírus, mosquitos, maternidade, vacinação e política. Nesse processo, destacamos o evidente protagonismo das redes sociais (porém não desvinculado de outros espaços sociais) para a circulação e produção coletiva de sentidos durante o episódio. A emergência das redes sociais está diretamente relacionada ao intenso processo de midiaticização da sociedade, marcado pela alteração das formas de circulação, das dinâmicas interacionais e dos lugares tradicionalmente reservados a produtores e receptores na comunicação (FAUSTO NETO, 2008). Para Sodré (2006), a midiaticização traz uma mudança na natureza do espaço público, na qual formas tradicionais de representa o da realidade e a virtualiza o das rela oes humanas interagem e expandem a dimensão tecnocultural, onde se constituem e se movimentam sujeitos e coletivos.

Na área da saúde, Vasconcellos-Silva e Castiel (2010) avaliam que a expansão da oferta de informação representa uma possibilidade tão atraente (porque acessível) quanto arriscada (porque perigosamente simplificadora). A internet transforma-se numa espécie de mercado de versões de verdades plausíveis, no qual os discursos das instituições clássicas perdem parte de seu poder de influência na polifonia de mensagens, o que abre terrenos férteis a outras redes de legitimidade e a outras formas de capital simbólico, que passam a gozar de maior reconhecimento e ou visibilidade. Mesmo considerando a ciência como campo social razoavelmente autônomo (BOURDIEU, 2003), ela não é monolítica e imutável, mas uma construção embasada em certezas transitórias produzidas a partir da conformidade de forças dentro do campo. Em especial na sociedade midiaticizada, como afirma José Luiz Braga (2012), todos os campos sociais (e em especial o científico) dependem mais de interações “externas”, que fogem à lógica do próprio campo, e estão mais sujeitos a perturbações provocadas por atores externos ao campo.

De outro ponto de vista, também podemos afirmar que o alto grau de reflexividade experimentado em nossa sociedade (GIDDENS, 1991), fruto do próprio acúmulo do conhecimento científico na modernidade, coloca uma série de novas questões sobre o papel da ciência, relacionando-a muito fortemente com o conceito de risco. Para Giddens, se as instituições modernas nos propiciam existências mais seguras e confortáveis, também produzem incerteza e medo na experiência cotidiana (GIDDENS, 1991). Tais riscos, no entanto, não são frutos de relações de causa e efeito diretas e imediatas, mas possibilidades difíceis de serem determinadas, que produzem um cenário global de incertezas não quantificáveis. Neste contexto, embora a ciência seja cada vez mais legitimadora de conhecimentos e práticas do cotidiano, ela também é cada vez menos suficiente na definição socialmente vinculante de verdade (BECK, 2010).

Dessa forma, os discursos científicos, apesar de socialmente valorizados, passam a conviver e ser tensionados por outras vozes que emergem e disputam a produção de sentidos e tomada de decisões sobre um episódio (PEREIRA et al, 2013). O aspecto conversacional típico da rede tende a apagar as marcas mais evidentes de autoridade e assimetria (FAIRCLOUGH, 2001) – o que nos parece ainda mais intensificado nas redes

sociais – e os cidadãos muitas vezes passam a assumir o papel de especialista (VASCONCELLOS-SILVA, CASTIEL, 2010), calculando os riscos de cada escolha.

Com esse quadro de referências, nos detivemos na circulação de boatos sobre a epidemia de zika. É importante perceber que esse tipo de narrativa alternativa não nasce do nada. Como afirma Reule (2008), os rumores surgem quando um grupo tenta dar sentido a circunstâncias incertas e ambíguas. Muitas vezes, são fruto da escassez de informações concretas e/ou confiáveis para uma problemática e se espalham em meio à perda de credibilidade das fontes oficiais e do aumento da desconfiança de que pode existir mais por trás de uma versão “autorizada” (IASBECK, 2000). A desconfiança quanto ao lugar dessa “verdade”, associada ao sentimento de transgressão que advém da circulação não autorizada, conferem ao boato aspecto sedutor no imaginário: o rumor sinaliza, sem esgotá-las, outras possibilidades interpretativas acerca de realidades (KAPFERER, 1990). A informalidade, oralidade e aspecto conversacional característicos da comunicação digital em rede (FAIRCLOUGH, 2001; RECUERO, 2012) favorecem a circulação do boato enquanto fenômeno de transgressão, que bem se adapta às novas tecnologias (IASBECK, 2000; REULE, 2008).

O boato não pode ser entendido, assim, como uma fala desinteressada. Ele é um elemento importante na disputa pelo espaço contraditório das significações dos sujeitos e do espaço urbano (ORLANDI, 2005). Ele joga na relação das palavras com o silêncio, dizendo de menos (não se diz “toda” a verdade, o fato não é “completamente” significado) ou demais (se vai além da verdade, há dispersão de sentidos em torno do fato) e deixando ver os flancos do dizer, margem de equívocos, incertezas. E, se tenciona o discurso científico, o faz articulando vozes oriundas de diversos campos (da religião, da cultura, da própria ciência) e dialoga com outros discursos em circulação sobre saúde, saúde pública, epidemias, vacinas, genética, indústria farmacêutica e outras questões. Muitas vezes, a linha que distingue informação de rumor é resultado de nossa própria convicção (RENARD, 2007) e este pode estar associado não à ignorância ou emotividade, mas a posicionamentos muito racionais. Portanto, se a facilidade de disseminação de informações via novas tecnologias de comunicação facilita a propagação de boatos, questões como instabilidade política, críticas ao governo, desvalorização sistemática do

Sistema Único de Saúde (SUS) e da saúde pública, entre outros fatores, também devem ser consideradas para um olhar mais completo sobre o tema.

## Metodologia

A proposta do estudo foi de analisar a produção de sentidos relativos ao ambiente de incerteza e à circulação de boatos sobre a epidemia de zika nos espaços de comentários do Facebook. Para isso, o primeiro passo foi a escolha das páginas cujo conteúdo seria analisado. Optamos por duas páginas jornalísticas: a do *Diário de Pernambuco*, um dos mais importantes jornais de Pernambuco, onde ocorreu o maior número de casos de microcefalia, e possui a página com mais seguidores dentre eles, e a da *Folha de S. Paulo*, veículo de grande tiragem da região Sudeste com maior número de seguidores. O objetivo dessa escolha foi observar os sentidos que emergiriam nos comentários de usuários localizados mais próximos e mais distantes do epicentro da epidemia, numa mídia mais localizada e em outra de circulação mais ampla.

O período estudado, de 1º de outubro de 2015 a 29 de fevereiro de 2016, foi o mais agudo da epidemia. Ele estende-se do início das suspeitas de associação da zika com a microcefalia até o fim do verão no país e a natural diminuição do número de casos. Realizamos a coleta de todas as postagens das duas páginas nesse período, utilizando a ferramenta Netvizz, que permite a extração de dados públicos de páginas e grupos do Facebook para fins de pesquisa. Escolhemos o Facebook por tratar-se da rede social mais popular no país, reunindo um público diverso. Apesar de cada vez mais pesquisadores voltarem sua atenção para a plataforma, ela ainda representa um desafio metodológico e traz uma série de limitações de acesso aos seus dados, uma vez que sua API (Interface de Programação de Aplicação ou, do inglês, *Application Programming Interface*), conjunto de regras (algoritmos) que regem definem seu funcionamento, é fechada. Isso reduz as possibilidades de coleta de dados sobre a circulação das informações, mas não nos impediu de observar alguns aspectos relacionados ao fenômeno, a partir dos processos de produção de sentidos nas discussões dos interlocutores nos comentários dos *posts*.

Coletamos todos os *posts* das duas páginas no período escolhido, ordenados a partir do seu engajamento, métrica pública definida pela própria rede social e que corresponde ao somatório de reações, comentários e compartilhamentos de uma postagem<sup>7</sup>. Em seguida, filtramos os resultados utilizando um conjunto de termos específicos relacionados à epidemia de zika (Conjunto A, Tabela 1). Com isso identificamos a proporção de *posts* sobre a epidemia nas páginas, na tentativa de quantificar o destaque dado ao episódio, e a proporção de *posts* sobre a epidemia entre os de maior engajamento, que poderia servir como um indicativo do interesse dos leitores sobre o assunto.

Em seguida, realizamos uma nova filtragem dentro dessa primeira seleção, utilizando um novo conjunto de termos associados à circulação de boatos sobre a epidemia, em especial os que ligavam a microcefalia à utilização de vacinas vencidas contra a rubéola, ao emprego de mosquitos modificados e larvicidas contra a dengue e à possível ocorrência de casos de microcefalia “tardia” em crianças de até sete anos (Conjunto B, Tabela 1). Dessa forma, identificamos a proporção de *posts* relacionados a boatos publicados pelas duas páginas, um indicador da importância desses temas no processo de produção social dos sentidos sobre o episódio.

---

<sup>7</sup> De forma geral, os administradores de uma página de Facebook podem visualizar várias métricas de audiência. Ferramentas como o Netvizz, no entanto, trabalham apenas com os dados públicos de engajamento fornecidos pelo Facebook, uma combinação de métricas públicas sobre a postagem (reações, comentários e compartilhamentos). No momento da realização da pesquisa, a única “reação” possível na plataforma era a ação de “Curtir”, o que foi ampliado em fevereiro de 2016 para uma gama de opções que incluem “amar”, “rir”, “se espantar”, “chorar” e “ficar com raiva”. Muito embora reconheçamos as limitações dessas poucas estatísticas, cujo sentido nem sempre é muito claro, essas são as únicas métricas oferecidas pela plataforma.

Tabela 1: Termos para identificar e classificar os posts sobre a epidemia de zika e microcefalia publicados nas páginas estudadas

	Definição	Termos do conjunto
Conjunto de termos A	Termos relacionados à epidemia de forma geral	zika, zica, microcefalia, chikunpgunya, chicungunha, dengue, Guillain-Barré, epidemia, <i>Aedes aegypti</i> , <i>Aedes</i> , malformação e malformações
Conjunto de termos B	Termos relacionados à circulação de boatos e de desmentidos, a narrativas alternativas específicas e a incertezas científicas sobre as vias de transmissão	boato, rumor, incerteza, mito, desmente, esclarece, áudios, whatsapp, vacina, rubéola, “sete anos”, larvicida, inseticida e Pyriproxyfen

Fonte: Os autores

Para a análise dos comentários selecionamos, então, o *post* de maior engajamento de cada página filtrado na segunda seleção, ou seja, a postagem relacionada à circulação de boatos sobre a epidemia que gerou maior mobilização do público. Coletamos os 100 comentários mais relevantes (os *top comments*, outra estatística oferecida pelo próprio Facebook, que considera o número de curtidas, respostas (*replies*) e data de publicação do comentário<sup>8</sup>) de cada *post*, totalizando 200 comentários.

Propusemos a classificação desses comentários em três categorias, a partir do posicionamento que assumiam em relação ao discurso científico e à fala oficial, sendo elas: “Legitimação”, correspondendo tanto a comentários de defesa dos posicionamentos oficiais e da cientificidade dos dados e descobertas que davam suporte a eles, quanto a comentários que promoviam a deslegitimação dos boatos pela falta de evidências que os comprovasse; “Desconfiança”, na qual foram classificados comentários que duvidavam das explicações de autoridades, citando ou não outras narrativas alternativas, e/ou que evidenciavam a falta de informações confiáveis sobre a epidemia; e “Indeterminados” ,

<sup>8</sup> Mais uma vez, a despeito da limitação dos dados, estes são os únicos oferecidos pela plataforma.

quando era impossível identificar um posicionamento, seja pela ambiguidade do próprio comentário, seja por abordarem temas sobre os quais não pairavam polêmicas. Ao longo da análise serão reproduzidos no texto diversos exemplos de cada um desses posicionamentos. Tal categorização teve por objetivo indicar, de forma ampla, a filiação de cada comentário nas redes de sentidos produzidas naqueles espaços, enfatizando uma questão cara para a circulação de boatos: sua oposição e desvalorização do discurso oficial. Para privilegiar apenas os comentários que estabeleciam relação direta com a postagem, excluimos as respostas a comentários (*replies*) da análise.

Além da classificação, buscamos identificar os sentidos presentes nos enunciados dos comentários, marcas textuais que permitissem entender a relação que estabeleciam com a narrativa oficial e que deixassem ver associações com a memória discursiva e com espaço interdiscursivo, de forma a mapear a polifonia presente nessas trocas comunicacionais. Observamos as formas de nomeação da doença, da epidemia, do governo e de instituições e procuramos identificar que atores eram responsabilizados pela situação. Nos interessou observar, ainda, as menções diretas aos boatos em circulação e os argumentos utilizados para reforça-los ou enfraquecê-los.

## Resultados e análise

Os dados da Tabela 2 revelam um pouco do comportamento das páginas no período. Mesmo com um número de postagens quase três vezes superior na página da *Folha de S. Paulo*, a quantidade de posts sobre a epidemia foi bastante parecida nas duas páginas, possivelmente pela maior proximidade do *Diário de Pernambuco* com o epicentro do episódio. Também podemos perceber a presença pequena de *posts* sobre a epidemia entre os de maior engajamento, em especial na *Folha de S. Paulo*. O contexto político exaltado que o país vivenciava na época, com os primeiros passos do processo que levaria ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff talvez ajude a explicar esse resultado e a grande presença de *posts* sobre política entre os de maior engajamento nas duas páginas.

Tabela 2: Resultados encontrados das páginas de Facebook no período de 01/10/2015 a 29/02/2016

	<b>Total de curtidas da página em junho de 2017</b>	<b>Total de posts da página</b>	<b>Total de posts sobre zika da página</b>	<b>Zika entre os 100 primeiros posts</b>	<b>Posição do 1º post sobre zika</b>
<i>Diário de PE</i>	1,3 milhão	3918	242	7	23º
<i>Folha de S. Paulo</i>	5,9 milhões	10372	236	1	48º

Fonte: Os autores

Uma primeira observação sobre os comentários refere-se aos muitos erros gramaticais, de sintaxe, de pontuação e de acentuação que, em alguns casos, dificultaram sua compreensão. Tais características reforçam as condições que tais textos são produzidos e a informalidade das interações nesse ambiente, nos quais as pessoas não costumam revisar o que escrevem e nem isso é exigido. Principalmente, manifestam a forma mais oralizada desses enunciados, que dispensam (ou reforçam) pontuações, utilizam contrações e mudam ou interrompem o curso de uma ideia, como é comum em interações presenciais.

A classificação dos 100 comentários do *post* sobre boatos de maior engajamento de cada página nas categorias “Legitimação”, “Desconfiança” e “Indefinido”, já apresentadas, pode ser observada na Tabela 3. Proporcionalmente, o *post* com mais comentários de desconfiança é o do *Diário de Pernambuco*. Esse resultado pode estar relacionado à proximidade do veículo com o epicentro da epidemia, o que talvez tenha levado os interlocutores a terem uma posição de maior incerteza e medo em relação à doença e a adoção de pontos de vista mais críticos. Os comentários de desconfiança, porém, também foram maioria no *post* da *Folha de S. Paulo*, o que denota uma considerável rejeição às explicações oficialmente apresentadas pelas autoridades, ao menos nos espaços estudados.

Apresentamos, ainda, a quantidade de simples “marcações” nos comentários, quando um interlocutor apenas marca amigos sem fazer qualquer comentário. De forma geral, é difícil tentar cogitar o sentido que a simples marcação, que podem passar por uma tentativa de alertar pessoas queridas sobre uma possível novidade sobre a epidemia, pela retomada de uma conversa iniciada entre os interlocutores em outro espaço ou mesmo uma iniciativa de mostrar a um amigo o tipo de boato que está em circulação.

Tabela 3: Distribuição dos comentários por tipo de relação com as narrativas oficiais

	Marcações	Legitimação	Desconfiança	Indefinido	Total
<i>Diário de PE</i>	34	9	46	11	100
<i>Folha S. Paulo</i>	62	7	27	4	100

Fonte: Os autores

### Postagens da Folha de S. Paulo

A *Folha de S. Paulo* possui uma série de páginas no Facebook (*Folha Cotidiano*<sup>[6]</sup>, *Folha Poder*<sup>[7]</sup>, *Folha Ciência e Saúde*<sup>[8]</sup>, *F5*<sup>[9]</sup>, *Gatices*<sup>[10]</sup>) e a página oficial do jornal republica e referencia essas “editorias” em quase todos os seus *posts*, em geral acompanhadas de textos bem curtos ou apenas das *hashtag* #folha. O tema zika foi publicado predominante na *Folha Cotidiano* e não na *Folha Ciência e Saúde*, demarcando um tipo de cobertura mais interessada no impacto da epidemia na vida da população. Essa abordagem da doença teve como principal destaque as discussões em torno do aborto e do direito das mulheres que tiveram fetos diagnosticados precocemente com microcefalia de abortarem. Os três *posts* de maior engajamento da Folha de S. Paulo abordavam diretamente essa temática, cuja discussão, apesar de extremamente relevante, fugia em muito da temática proposta neste trabalho.

O primeiro *post* a abordar um assunto relacionado à circulação de boatos foi o quarto *post* de maior engajamento sobre a epidemia, 294º *post* de maior engajamento

total no período (Figura 1). A postagem trata da potencial ligação do larvicida pyriproxyfen com os casos de microcefalia, proposta por uma associação médica argentina, que levou o governo do Rio Grande do Sul a suspender o uso do produto. A imagem utilizada no *post* é similar àquela que ilustra diversas outras matérias sobre a epidemia na página da *Folha*: uma mãe com um bebê com microcefalia no colo, no corredor de um hospital. É preciso destacar, ainda, que o título da matéria foi alterado: o original falava de um “estudo” que associava o larvicida aos casos de microcefalia, termo modificado para “relatório”. Porém, como o Facebook carrega apenas a manchete original do *link*, foi esse que se perpetuou na rede.



Figura 1: Postagem de maior engajamento sobre boatos relacionados à epidemia publicada na página da Folha de S. Paulo

Fonte: Facebook

### **Análise dos comentários da Folha de S. Paulo**

O *post* da *Folha* no Facebook teve quase 4 mil curtidas, 325 comentários e 2,5 mil compartilhamentos. Os comentários classificados como de legitimação foram proporcionalmente poucos, porém estiveram entre os de maior engajamento, com muitas

curtidas. Eles constituem um núcleo de sentido que agrega discursos (MAINGUENEAU, 1987) críticos à atuação sensacionalista da mídia em relação a temas científicos, acionado pelo caráter supostamente bombástico recebido por uma especulação que carece de dados empíricos. O comentário dessa categoria com maior relevância, A2<sup>9</sup>, acusa a própria *Folha* de distorcer os dados: “A Folha distorceu os fatos. Não existe esse estudo. Um grupo de médicos argentinos divulgou um "informe" (essa foi a palavra usada, em espanhol) fazendo essa afirmação. Esse grupo baseou-se em simples dedução, pelo que entendi”. Já A5 indaga por provas, reconhecida por critérios estabelecidos pela comunidade científica (“Gostaria de saber qual estudo foi feito? Os dados foram publicados em qual revista científica?”).

Surgiram, ainda, críticas ao “povo brasileiro”, acusado de acreditar e de compartilhar todos os absurdos que lê sobre a epidemia, como A3 (“O MOSQUITO EVOLUI, O BRASILEIRO. NÃO, fica vendo BBB e acredita nesse lixo de notícia”), e por não ler a íntegra da matéria (“Eu recomendo ler o texto antes de tirar conclusões a partir da chamada.”). Essa perspectiva nos remete, de certa forma, à visão de Orlandi (2005) sobre o boato como narrativa plausível.

No entanto, é preciso destacar que a crítica ao povo brasileiro também perpassa muitos comentários classificados como de “Desconfiança”, como em A7 (“Que povo mais sem noção é esse! Mentira do governo isso pode realmente ser associado ao lote de vacinas, esse povo Acredita em tudo até que o mosquito faz um coisa dessa! Mas gente esse governo é o que o povo merece!”). A crítica, nesse caso, aparece associada a um núcleo de sentidos bastante representativo desse grupo que é o da crítica política. Os enunciados desse núcleo articulam discursos que remetem à crise política e institucional do país e culpabilizam diretamente as autoridades pela epidemia, de forma genérica (o governo) ou precisamente o Partido dos Trabalhadores e a presidente Dilma Rousseff. Além de A7, podemos destacar A12 (“O governo jamais vai admitir que o causador desta epidemia foi ele próprio ao utilizar um produto indevido”) e A24 (“Se for isso mesmo,

---

<sup>9</sup> Para facilitar a análise, numeramos todos os comentários estudados da *Folha de S. Paulo* de A1 a A100 e do *Diário de Pernambuco* de B1 a B100, do comentário de maior engajamento para o de menor. Em todos os casos, seguimos a ordem da tabela criada pelo próprio Netvizz no momento da exportação.

será que a Dilma vai colocar a culpa no PSDB, na crise internacional, no FMI ou nos Estados Unidos?”). Também emergem, nessa mesma perspectiva, discursos de desvalorização especificamente da saúde pública, como em A32 (“Quando o Estado se defende demais na sua ineficiência onde se espera excelência pelos impostos arrecadados, é para se desconfiar das falas de seus agentes irresponsáveis.”).

Ainda entre os comentários de “Desconfiança”, outro núcleo de sentidos refere-se à concepção de risco associada ao desenvolvimento tecnológico, um processo de reflexividade característico das sociedades contemporâneas, conforme apontado por Giddens (1991). Parecem convergir nesse campo discursos de correntes contrárias à vacinação, discursos generalizantes sobre a utilização de agrotóxicos e outros produtos químicos e de enorme desconfiança sobre as relações escusas entre a indústria de produção desses bens e os governos democráticos. Exemplos dessas formações podem ser observados em A7, que afirma que tudo é “Mentira do governo” e que “isso pode realmente ser associado ao lote de vacinas, esse povo acredita em tudo até que o mosquito faz um coisa dessa!”, em A20, que se diz “pasmado” de ver como o pyriproxyfen ser utilizado “sem testes de efeitos sobre as pessoas” (ignorando que o produto teve sua utilização aprovada pela OMS), em A13, que chama o larvicida de “veneno”, e em A37, que “denuncia” que estes produtos só são liberados no Brasil pela “pressão de parlamentares ruralistas”.

A falta de respostas dá força as narrativas não oficiais – afinal, como aponta A12, “Onde há fumaça há fogo!”. A expressão popular sintetiza a desconfiança da população num cenário de enorme incerteza e nos permite retomar o que diz Orlandi (2005), para observar como os boatos circulam na margem do dizer e transformam-se numa verdadeira neblina que turva a narrativa oficial e leva à confusão, fortalecidos pelo medo e pela incerteza da situação.

### **Postagens do Diário de Pernambuco**

Entre os *posts* de maior engajamento sobre zika no jornal pernambucano, diversos abordaram boatos e questões nebulosas sobre a doença. Um deles, por exemplo, publicado em 11 de dezembro, trazia um infográfico desmentindo a associação da vacina

contra a rubéola com a explosão dos casos de microcefalia, a transmissão do vírus zika via leite materno e a ocorrência mais frequente de problemas neurológicos em crianças e idosos. Outros *posts* também falavam da transmissão via amamentação, pelo sexo, pela saliva, entre outras, uma recorrência que ajuda a demonstrar o ambiente de ansiedade e incerteza que cercava a epidemia, em especial nos primeiros meses. Vale destacar que, naquele momento, todas essas possibilidades estavam realmente sob estudo e que a maioria delas foi excluída ou esclarecida nos meses seguintes, pelo avanço das pesquisas.

A postagem de maior engajamento relacionada à circulação de boatos sobre a epidemia foi a 23ª mais popular no período estudado. Ela refere-se ao mesmo tema da postagem do jornal paulista, a possível relação entre larvicida e a microcefalia (Figura 2) e a suspensão de utilização do produto pelo governo do Rio Grande do Sul. Trata-se de um link carregado diretamente no Facebook e que atualmente não possui mais nenhuma imagem carregada nesta rede.



Figura 2: Postagem de maior engajamento sobre boatos relacionados à epidemia publicada na página do Diário de Pernambuco

Fonte: Facebook

### **Análise dos comentários do Diário de Pernambuco**

Dos 100 comentários mais relevantes do *post*, 34 corresponderam a marcações de outros usuários. Dos 66 restantes, apenas 8 podem ser enquadrados na categoria de Legitimação. Os discursos convergentes nesse espaço discursivo novamente remetem à crítica ao sensacionalismo da imprensa, porém também com ênfase na falta de quaisquer evidências científicas que comprovem as supostas narrativas alternativas à oficial. Alguns comentários indagam os dados que servem como base para o boato, como B13 (“Se é usado desde 2014 pq só causou agora?”), mostram a impaciência com a quantidade de versões em circulação, como B6 (“Tão inventando de tudo...daqui a pouco vai ser o ar que respiramos”), ou atacam mais diretamente a atuação da imprensa, como B8 (“A população é alienada pela mídia, desconfie de tudo que a mídia disser. Eles criam a doença, divulgam e depois criam solução”) e B22 (“Primeiro aquele mamão do colunista do JC disse que cientistas afirmaram que era a vacina [...] agora o DP replicando isso. Procurem o ministério da saúde antes e questionem, sejam responsáveis, com doença não se brinca de fabricar notícia.”). O comentário mais curtido entre os comentários de “Legitimação”, com 86 curtidas, é B5, e dá um bom indício do estado de espírito dos comentaristas em relação à polêmica (“Eu acho tão legais essas matérias que dizem "cientistas dizem tal coisa". Oiiii???? Quais cientistas???? [...] Aí a gente tem um monte de matérias todos os dias, cada uma falando uma coisa de maneira irresponsável gerando mais desinformação do que informando...”).

Mais uma vez encontramos um núcleo de sentidos muito presente associado ao espaço interdiscursivo de crise política e institucional, de crise econômica, e de crítica ao PT e à presidente do país. O comentário B7 duvida da “"descoberta" quase que instantânea da causa de Microcefalia”, acreditando que o governo insistiu nessa explicação, caracterizada como “a versão mais fácil”, sem ter realizado “nenhum teste que comprovasse a tese referente ao mosquito transmissor”. Já B29 é taxativo ao afirmar que “Aos poucos a verdade vai aparecendo... É tudo culpa do PT!”, enquanto B32 chama a presidente de “vagaba”, que “inventou esse negócio de zika virus pra desviar a atenção do pessoal e esquecerem a crise e começarem a soltar a grana pra comprar repelente”. A questão econômica também aparece em B59, que afirma que “o governo fez um teste que

custa R\$800.00 cada” (dado de fonte desconhecida) e indaga: “Isso explica alguma coisa aos eleitores da Dilma de plantão? (...) Bem vindos a Venezuela!”. A menção ao país latino-americano também é sintomática da crítica ideológica, característica do período.

O comentário mais popular (B1), no entanto, remete diretamente ao fato da concentração da epidemia nos estados do Nordeste e justamente nesse momento (“Esse deve ser o caminho [...] até porque o vírus zika já fora encontrado em diversos outros países antes do Brasil e somente aqui especialmente no nordeste brasileiro ocorreu a manifestação em grande escala de bebês com microcefalia”). Ele teve 499 curtidas, mais do que o dobro do segundo comentário mais relevante, e defende a importância de duvidar do discurso oficial, como fazem os pesquisadores argentinos. Ele é reverberado em B25 (“a porra da ZIKA q a anos existe e só vem causar a microcefalia aqui”) e B31, que remetem ao histórico nacional de convivência com o mosquito *Aedes aegypti* (“antigamente tinha mosquito e a gente não via isso”).

Assim como na *Folha de S. Paulo* também ganha destaque nos comentários de “Desconfiança” um núcleo de sentidos associado à concepção de risco do desenvolvimento tecnológico. No *Diário de Pernambuco* ele articula memórias discursivas de epidemias passadas e de falhas famosas do processo científico, posicionamentos contrários ao aborto e generalizações negativas sobre processos de manipulação genética e de utilização de agrotóxicos. O comentário B2, por exemplo, afirma que só acreditaria se “disserem que eles [os mosquitos] foram modificados geneticamente ...”. Já B11 afirma que não foi “o mosquito que causou isso e sim um erro na vacina contendo o vírus da rubéola...”. Já B27 e B35 fazem referência ao episódio da talidomida, que marcou a década de 1960, num paralelo com as possíveis consequências do uso do pyriproxyfen. Por sua vez, B36 caracteriza os inseticidas como “arma[s] química que acaba com a saúde” e alerta para um grande complô para promover a agenda a favor do aborto.

Embora não muito numeroso, também há um núcleo de sentido formado pelas falas testemunhais de mães e gestantes, com predomínio de sentidos relacionados ao medo e à noção muito particular da gestão do risco em relação à zika e à microcefalia. O comentário mais curtido desse tipo é o de B4, com apelos de proteção direcionados a

figuras religiosas e referência diretas à necessidade de utilização de repelentes. A religiosidade é, aliás, uma marca especialmente presente nesse conjunto de comentários.

Embora questões como abastecimento de água e coleta de lixo não sejam abordadas de forma direta, os comentários B47 e B62 destacam a maior ocorrência de casos de microcefalia entre mães pobres, “mulheres do SUS”, em oposição às “mulheres bem sucedidas, que fizeram pré-natal em hospitais particulares”. Essa narrativa em oposição ao mito da dengue democrática, que atinge igualmente ricos e pobres, parece dar força para outras explicações sobre a doença. Por outro lado, B10 aborda a questão da desigualdade social de maneira inversa: questiona como casais ricos podem ter filhos com microcefalia associada à zika se os “pesticidas” são colocados na água de regiões sem saneamento básico. Os comentários jogam um pouco de luz, ainda que superficialmente, sobre a importância dos determinantes sociais da saúde para o controle das doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*.

### Considerações finais

No cenário atual de midiatização, conversacionalização e oralização das relações sociais mediadas pelo computador, há uma enorme oferta de informação sobre saúde na rede digital (FAIRCLOUGH, 2001), com a capilarização da reflexividade a respeito do risco da ciência, e o próprio conhecimento científico vê questionado seu estatuto de verdade. Não por acaso o termo pós-verdade, relacionado ao grande número de informações falsas que tiveram destaque em sites e redes sociais, ganhou notoriedade mundial recente e foi escolhido como palavra do ano de 2016 pelo dicionário Oxford. A publicação define pós-verdade como o que “se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (OXFORD LIVING DICTIONARIES, 2016).

Como argumentam Bezerra, Capurro e Schneider (2017), a concepção positivista de uma verdade científica objetiva, absoluta e universal ao alcance da humanidade foi refutada por variadas escolas de pensamento ao longo do século XX, como o positivismo lógico de Thomas Kuhn e o racionalismo crítico de Karl Popper. No entanto, concordamos com os autores quando avaliam que a pós-verdade parece estar relacionada

à luta de poderes midiática, política e econômica envolvendo aquilo que Foucault (1996) chama de “regimes de verdade”, intrinsecamente ligada à visibilidade a novos atores e a discursos marginalizados com a popularização da internet.

No território de hierarquia menos evidente das redes digitais, o deslocamento da autoridade permite a qualquer “comentador” colocar em dúvida a fala autorizada a partir de suas opiniões. Novas práticas de vigilância e controle permitem que os próprios usuários promovam e se envolvam em campanhas difamatórias e cruzadas morais, muitas vezes com base em notícias falsas, comentários mal interpretados ou mentiras deliberadas (BEZERRA, CAPURRO, SCHNEIDER, 2017). As opiniões (expressas em postagens e comentários públicos, por exemplo) circulam quase em pé de igualdade com o discurso técnico e científico e são endossadas e compartilhadas facilmente, com direito a curtidas e comentários de reforço, tomando outra dimensão na internet. Inseridos num grande circuito de “comentação”, no qual parece que todos podem – e devem – ter uma opinião formada sobre tudo, de certa forma todos os comentadores são “donos da verdade”; a própria definição de verdade perde substância, é fluida, é pós-verdade.

Em situações críticas, esses elementos já existentes em nosso cotidiano ajudam a alimentar uma enorme sensação de incerteza, fundamental para a proliferação de boatos (ALLPORT; POSTMAN, 1973; KAPFERER, 1990; RENARD, 2007). O boato virtual desponta, assim, como um gênero discursivo marcante na confluência de uma era de incertezas, irrigado pelas potencialidades tecnológicas da rede (mas também limitado pelas coerções de cada plataforma em que circula) e por uma hipotética maior liberdade de manifestação dos indivíduos. As redes sociais parecem dar materialidade à concepção de Orlandi (2005) do boato como comentário, de caráter não verificável. Os espaços de comentários das redes sociais caracterizam-se como lugares de fala difusos, fluídos, confusos, onde os sujeitos se batem, como mostra a autora, no espaço entre o atestado e o possível. Ainda nos baseando em suas palavras, propomos que, também por isso, parece tão difícil desmentir e conter um boato: pois ele está para além da informação objetiva, transitando no silêncio que torna possível o dizer e, muitas vezes, articulado ao silêncio da fala oficial (ORLANDI, 2005). A circulação dos boatos também diz muito sobre as

sociedades, pois ao compartilhá-lo o interlocutor permite que falem através dele uma série de vozes críticas ao governo, aos cientistas, às instituições e ao próprio povo.

Embora tenhamos utilizado como objeto os comentários do Facebook, é possível extrapolar esse raciocínio para os compartilhamentos, postagens e as próprias curtidas e reações, todas parte da gramática comunicacional imposta pela rede social e imbricadas no complexo processo de continuidade enunciativa, construído coletivamente nesses espaços (ANTUNES *et al*, 2016). A circulação dos boatos também diz muito sobre as sociedades – afinal, embora o boato mantenha relação visceral com o silêncio, ao compartilhá-lo o interlocutor também deixa falar uma série de vozes críticas ao governo, aos cientistas, às instituições.

Os resultados da análise propriamente dita evidenciam a existência, no período estudado, do enraizamento político (governamental e partidário) dos comentários, pondo em evidência questionamentos que ora afirmam e ora revelam descrença nas explicações científicas e sanitárias. A circulação dos boatos se fortaleceu com a articulação de diversas narrativas presentes no espaço interdiscursivo (MAINGUENEAU, 1987), como memórias de outras epidemias e de grandes erros científicos, como o caso da talidomida<sup>10</sup>, citado em B27 (“Nenhuma hipótese, que se refere à microcefalia deve ser descartada. Nos anos 60 o calmante Talidomida, foi o responsável pela má formação de milhares de bebês, que nasceram com braços curtos e mãos retorcidas e ninguém se dava conta disso...”) e B35 (“Já ocorreu isso anteriormente, foi com a talidomida que causava ausência dos membros ou má formação no feto”), generalizações sobre os efeitos nocivos de produtos químicos aos quais somos expostos supostamente sem os testes necessários e discursos antivacinação. Não por acaso, três dos boatos mais importantes do período remetiam às consequências desastrosas da utilização de técnicas para combater doenças – a vacina, o larvicida e o mosquito modificado.

Como questões de fundo para a produção desse ambiente, destacaram-se três perguntas não (suficientemente) respondidas: Por que os casos se concentraram no

---

<sup>10</sup> Num episódio que marcou os anos 1960, depois de muitos registros de seus efeitos colaterais, descobriu-se que a talidomina, quando utilizada por mulheres grávidas, provocava malformações nos fetos, o que levou a sua retirada do mercado.

Nordeste do Brasil e, em especial, em Pernambuco? Por que uma epidemia como essa nunca aconteceu na África, de onde o vírus é originário? E por que nunca aconteceu antes, se o vírus zika já era conhecido há décadas? Por fim, é preciso destacar ainda uma marca geral, tantos dos comentários categorizados como de legitimação, quanto aqueles de desconfiança: o tom de crítica. Em especial foram criticados a imprensa, as figuras políticas e a credulidade do próprio povo brasileiro. De certa forma, isso parece levantar algumas ponderações, muito atuais, sobre o desgaste dos meios tradicionais de comunicação e da representatividade política, e sobre o papel das redes sociais nesse cenário.

Comprendemos que os resultados apresentados nessa pesquisa se referem especificamente ao estudo de grupos de comentários de apenas dois posts de páginas no Facebook. Evidentemente, não é possível chegar a conclusões mais abrangentes sobre o processo de produção de sentidos sobre a epidemia, nem mesmo almejar uma compreensão completa do processo de circulação de boatos durante o episódio. Outras escolhas metodológicas, como a opção por outros jornais ou comentários de outros *posts* poderiam trazer visões complementares à nossa. Acreditamos, porém, que isso não invalida nossos achados e esperamos ter colaborado para um melhor entendimento do processo de produção social da epidemia de zika e microcefalia. Dessa forma, desejamos ter contribuído para destacar os aspectos comunicacionais de um episódio epidêmico tão importante para a saúde pública brasileira e oferecido informações valiosas para a avaliação de futuras epidemias.

## Referências

ALLPORT, G.; POSTMAN, L. **Psicología del Rumor**. Buenos Aires: Psique, 1973.

ANTUNES, M. N. et al. Arquivos visuais relacionados ao vírus Zika: imagens no Instagram como parte da constituição de uma memória da epidemia. **RECIIS – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. 2016 jul.-set.; 10(3)

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BECK, U. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34; 2010.368 p.

BEZERRA A. C., CAPURRO R., SCHNEIDER M. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital. **Liinc em Revista**. Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 371-380, novembro 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v13i2.4073>

BRAGA, J. L. Circuitos versus Campos Sociais. In MATTOS M. A., JANOTTI J., JACKS N (Eds.), **Mediação e Mdiatização**. Salvador: Edufba. p. 31-52, 2012.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais das ciências**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Unesp, 2003.

CARDOSO J. M. **Entre vítimas e cidadãos**: risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional sobre as epidemias de dengue (1986-2008). Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Informação, Comunicação e Saúde (PPGICS/Icict/Fiocruz). Rio de Janeiro, 2012.

CASTIEL, L. D.; VASCONCELLOS-SILVA, P.R. Internet e o autocuidado em saúde: como juntar os trapinhos?. **História, Ciências, Saúde**, v.9, n.2, p.291-314, maio-ago. 2002.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2001. UNB.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, 1(2), 89-105. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/3169>

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GARCIA M. Discursos alternativos sobre a vacinação contra o HPV: análise das mensagens em uma comunidade virtual no Facebook. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 27, mar./abr. 2017a, p. 101-111

GARCIA M. **Disseram por aí: deu zika na rede!** Boatos e produção de sentidos sobre a epidemia de zika e microcefalia nas redes sociais. 2017. 237 f. Dissertação (Mestrado em Informação Científica e Tecnológica em Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2017b.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp (1991)

IASBECK, L.C. **Os Boatos - Além e Aquém da Notícia**. Lumina, Juiz de Fora, v.3, n.2, p.11-26, jul./dez. 2000.

KAPFERER, J.N. **Boatos: O meio de comunicação mais velho do mundo**. Publicações Europa-América, Men Martins, 1990

LÉVY, P. Pela ciberdemocracia. In: MORAES, Dênis de (org.). **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003

MAINGUENEAU, D. (1987). **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, Pontes-Editora da Unicamp.

MENDONÇA, A.P.B; NETO, A.F.P. Critérios de avaliação da qualidade da informação em sites de saúde: uma proposta. **RECIIS. Rev Eletron de Comun Inf Inov Saúde**, 9(1); jan-mar/2015.

ORLANDI, E.P. Boatos e Silêncios: Os Trajetos dos Sentidos, os Percursos do Dizer. In: \_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas - São Paulo: Pontes, 2005.

OXFORD LIVING DICTIONARIES. **Word of the Year 2016 is... 2016**. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>.

PEREIRA, B.F.B. et al. Motivos que levaram as gestantes a não se vacinarem contra H1N1. **Ciência & Saúde Coletiva**, Vol. 18, No 6, p.1745-1752. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n6/25.pdf>

PINTO, M. **Comunicação e discurso**. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002

RECUERO, R. **A Conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre. Sulina, 2012

RENARD, J.B. Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas. **Revista Famecos**, nº 32, 2007. Porto Alegre.

REULE, D. **A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

ROSENBERG, C. Explaining epidemics. In: \_\_\_\_\_. **Explaining epidemics and other studies in the history of medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992a, p.293- 304.

SODRÉ, M. Eticidade, campo comunicacional e midiaticização. In MORAES D. **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro; Mauad, 2006, p. 19-32.

VASCONCELLOS-SILVA, P.R.; CASTIEL L.D. A internet na história dos movimentos antivacinação. **ComCiência**. no.121 Campinas, 2010